

## **A prostituição feminina no conto “Noshe Oscura”, de Maria Lúcia Medeiros**

### **La prostitución femenina en el cuento "Noshe Oscura" de Maria Lúcia Medeiros**

**Guthemberg Felipe Martins Nery**  
Universidade Federal do Pará - UFPA  
Belém - Pará

#### **Resumo**

Este estudo tem como objetivo analisar a personagem feminina descrita no conto “Noshe Oscura”, da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros, visando desvelar a condição da mulher que ganhava a vida vendendo seu corpo no espaço urbano nos decênios iniciais do século XX. Para tanto, buscou-se suporte nos pressupostos teóricos fornecidos por Gaspar (1988), Xavier (1998, 2007), Rago (1985, 1991), Del Piore (2006, 2011), Kollontai (2001), entre outros. Os dados obtidos contribuem para lançar luz sobre alguns aspectos do (sub)mundo da prostituição e, em particular, sobre a condição da mulher em sua atividade de meretrício no início do século passado.

**Palavras-chave:** Personagem Feminina; Prostituição; Noshe Oscura.

#### **Resumen**

Este estudio tiene como objetivo analizar el personaje femenino descrito en el cuento "Noshe Oscura" de la escritora paraense Maria Lúcia Medeiros, con el fin de desvelar la condición de la mujer que ganaba la vida vendiendo su cuerpo en el espacio urbano en las primeras décadas del siglo XX. Para ello, se buscó apoyo en los supuestos teóricos proporcionados por Gaspar (1988), Xavier (1998, 2007), Rago (1985, 1991), Del Piore (2006, 2011), Kollontai (2001), entre otros. Los datos obtenidos contribuyen a arrojar luz sobre algunos aspectos del (sub)mundo de la prostitución y, en particular, sobre la condición de la mujer en su actividad de prostitución en el inicio del siglo pasado.

**Palabras clave:** Personaje femenino; Prostitución; Noshe Oscura.

## Introdução

Historicamente, os registros que envolvem o (sub)mundo da prostituição deslumbram e comovem há milhares de anos. Enquanto uma atividade primitiva, há quem diga que a prostituição é a profissão “mais antiga do mundo”. Desde a invenção da tinta, parece que os artistas homens estiveram obcecados pela figura das prostitutas. Grandes mestres da pintura, fascinados por meretrizes, criaram retratos como *Olympia*, *La Toilette*, *Sien*, *Grande Odalisque*, entre outros, que ilustram e eternizam as prostitutas ao longo da história.

Na escrita, a situação não foi diferente. Os homens escritores, reinantes absolutos na arte de escrever, criaram obras literárias que retratam a questão da prostituição feminina ao longo dos séculos. Roberts (1998, p. 17) enfatiza que “se a prostituição é realmente a profissão mais antiga do mundo, os homens que escrevem sobre ela compõem certamente a segunda profissão mais antiga”. Segundo a autora, somente no século XX é que o tema da prostituição começa a ser abordado pela escrita literária de autoria feminina, gerando assim novas representações da mulher prostituta.

Rago (1991), em seus estudos sobre a mulher do século passado, em especial a mulher enquanto prostituta, defende que a literatura fornece um caminho para conhecer a dimensão fundamental da subjetividade feminina, incluindo desejos, comportamentos, anseios, opressões e mistérios que permeiam a meretriz e o universo da prostituição. No entanto, ela enfatiza que “poucos romances no passado apresentam essa fantasia da mulher, seja porque não há muitas escritoras do ‘sexo frágil’, seja porque o tema da prostituição era privilegiadamente um assunto masculino” (Rago, 1991, p. 219-220).

À vista disso, pode-se dizer que o tema da prostituição feminina surge, ainda que timidamente, na literatura de ficção produzida por escritoras paraense, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Autoras como Eneida de Moraes, Sultana Levy Rosemblat, Olga Savary, e outras, buscaram adentrar no obscuro e misterioso (sub)mundo da prostituição e da prostituta do século passado. Nas páginas de seus romances, contos, poemas e crônicas, encontram-se as representações de muitas personagens femininas que, na condição de meretrizes, fornecem indícios para compreender situações dramáticas, de resistências e de emancipações vividas por mulheres que ingressavam e (sobre)viviam na “vida pública”, tanto em espaços geográficos do campo, quanto em centros urbanos.

Um exemplo típico dessa representação encontra-se em Isa Apetitosa, personagem contida na obra “Menina que vem de Itaiara” (1996), da escritora paraense Lindanor Celina, que vale ser mencionada, apesar de não ser objeto de análise deste artigo. De acordo com Nery e Alves (2023), Isa Apetitosa corresponde a uma prostituta que chega em uma cidadezinha do interior paraense e, muito atuante e detentora de poder, usa a beleza como forma de ascensão social nos anos de 1920 e 1930. É um alguém que modifica as regras do jogo, pois consegue abandonar o meretrício ao manter relações sexuais apenas com um homem e agir em uma condição de cidadã “normal” na sociedade provinciana em que vive. Os autores ainda enfatizam que nas páginas de obras literárias paraenses, especialmente na ficção de autoria feminina, é possível encontrar:

Vestígios passíveis a inúmeras possibilidades de leitura e interpretação de versões outras da realidade feminina no passado que, muitas vezes, contradizem a dos relatos oficiais. Tais versões da realidade da mulher são fornecidas por meio da singular percepção de um observador privilegiado, o autor-escritor, que, mesmo quando não possui o objetivo explícito de “fazer história” com a escritura de sua obra literária, acaba por registrar e fornecer pistas com capacidade de “dizer a história” (Nery; Alves, 2023, p. 158).

Ao considerar o potencial da literatura em preservar vestígios históricos da mulher, o presente estudo tem como objetivo analisar a personagem feminina descrita no conto “Noshe Oscura”, da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros, visando desvelar a condição da mulher que ganhava a vida vendendo seu corpo no espaço urbano nos decênios iniciais do século XX. Para explorar o objeto de estudo, parte-se dos seguintes questionamentos: Quais foram os motivos que conduziram a personagem feminina à prostituição? Qual o período de atuação na profissão? Como se dava a relação com os clientes? Quais eram os espaços utilizados para a atividade prostituinte? E, por último, que implicações a ocupação de meretrício trouxe para o seu corpo?

Parafraseando Gaspar (1985), compreende-se a prostituição feminina como um contínuo de relações profissionais possíveis exercidas por mulheres que combinam sexo e dinheiro sem necessariamente passar pelo casamento ou pela procriação. Outrossim, os aspectos conceituais sobre a temática da prostituição feminina também derivam de pressupostos teóricos fornecidos por Xavier (1998, 2007), Rago (1985, 1991), Del Piore (2006, 2011), Kollontai (2001), entre outros.

Além da introdução, o texto é composto de três partes. Primeiramente, busca-se tecer algumas considerações sobre a vida e obras da escritora Maria Lúcia Medeiros, bem

como do conto estudado. Em seguida, realiza-se uma análise da narrativa de “Noshe Oscura” para demonstrar a condição da personagem feminina enquanto prostituta. Por fim, a terceira parte traz as considerações finais, pontuando as principais questões emergidas neste estudo.

### **A Escritora Maria Lúcia Medeiros e o conto “Noshe Oscura”**

Maria Lúcia Fernandes Medeiros nasceu em 15 de fevereiro de 1942 em Bragança-PA, onde desfrutou de sua infância e parte da adolescência em uma cidade pequena e “simples no interior, com um trem de ferro e um rio na frente” (Medeiros, 2005, p. 61). Na adolescência, mudou-se de sua cidade natal para estudar como interna em um colégio religioso para meninas na cidade de Belém-PA.

Na capital paraense, Maria Lúcia Medeiros confessa que gostava de desfrutar das sombras das “mangueiras, nas ruas largas, na arquitetura imponente de uma cidade de 250 mil habitantes que era Belém dos anos 50” (Medeiros, 2005, p. 61). Ali, concluiu o curso Normal e ingressou em Letras pela Universidade Federal do Pará–UFPA. Anos depois, retornou à instituição como professora do Curso de Letras, ministrando a disciplina de Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa. Além disso, foi a responsável por introduzir a disciplina de Redação e Literatura infantojuvenil no currículo do referido curso.

Além da carreira no magistério, Maria Lúcia Medeiros também se destacou no cenário literário feminino paraense. Em 1985, aos 43 anos, publicou seu primeiro conto intitulado “Corpo Inteiro”, na antologia “Ritos de passagem da nossa infância e adolescência”, organizada por Fanny Abramovich. A partir de então, ela escreveu e publicou obras como “Zeus ou a menina e os óculos” (1988), “Velas. Por quem?” (1990), “O lugar da errância” (1994), “Quarto de hora” (1994), “Horizonte silencioso” (2000), “Antologia de contos” (2003), “O lugar de ficção - memórias de leitura” (2004), “Céu caótico” (2005), entre outras produções.

Mária Lúcia Medeiros, aos 63 anos, faleceu em Belém–PA, em 08 de setembro de 2005, deixando um acervo de obras literárias com histórias repletas de momentos e intenções de transgressão protagonizadas por crianças e mulheres do século XX. Outrossim, também denunciam o drama e o sofrimento do segmento infantil e feminino. Suas narrativas ficcionais servem como um grito para que os costumes e práticas opressoras e subalternas pudessem ser modificados. Afinal, como bem explica Xavier

(1998, p. 14), a “literatura pode tornar visível, através de seus recursos estéticos, o aspecto caduco de certas práticas sociais”.

A obra “Velas. Por quem?” (1990) é um exemplo desse grito de denúncia. Essa coletânea de contos teve sua primeira edição em 1990. Em 1997, o jornal A Província do Pará publicou uma edição especial para os leitores, através da Coleção Nossos Livros, em parceria com a Secretaria de Estado e Cultura-Secult e a Editora Cejup-CEJUP. Os contos presentes na obra incluem: “Velas. Por quem?”, “O Filho de Daniel”, “Em Todos os Sentidos”, “A Menina. Um Cavalo”, “A Festa”, “Noche Oscura”, “Vide-verso”, “Estranho é o Caminho”, “Fundo Poço”, “Mater Dolorosa”, “As moças”, “Escarpas”, “À mesa”, “Jogo de Damas”, “Nox”, “Rondó”, “Tantas São As Voltas”, “Mirante”, “Saltério Urbano”, “Estrangeiras Águas”, “Écran”, “Nômina” e “O Dia em Que Johannes Brahms Tocou o Teu Diário”.

O conto “Noshe Oscura”, objeto de nossa atenção e análise, narra o drama de uma mulher que, embora não seja denominada explicitamente como uma prostitua, perambula pelas ruas de um grande centro urbano, possivelmente a cidade de Belém-PA, à procura de clientes que buscam sexo em troca de dinheiro. Os acontecimentos vivenciados pela protagonista ocorrem numa única noite, presumivelmente, situada nos primeiros decênios do século XX. Quem conta a história da personagem principal é um narrador câmera<sup>1</sup> que, enquanto aquele que tudo vê e tudo sabe, constrói um monólogo para revelar ao leitor as percepções, sentimentos e atitudes da personagem feminina durante sua atuação noturna.

O título do conto possivelmente foi inspirado no célebre poema de San Juan de la Cruz<sup>2</sup> intitulado “Noshe Oscura”<sup>3</sup>. Sua narrativa ficcional não segue uma sequência linear em relação aos diversos eventos vividos pela personagem feminina em questão – que se quer possui nome. A forma irregular escolhida por Maria Lúcia Medeiros para expor os acontecimentos permite que o leitor acompanhe o caótico e ininterrupto ir e vir da protagonista em uma noite escura de trabalho como meretriz no espaço urbano. Vale aqui enfatizar que se trata de um texto de leitura complexa devido às suas proposições

---

<sup>1</sup>Segundo Brait (1993), o narrador câmera é aquele que, em terceira pessoa, narra e revela gradualmente as características e ações de um personagem, a quem raramente é concedida a palavra de forma total e avassaladora.

<sup>2</sup>Autor espanhol (1542-1591) considerado doutor místico pela Igreja Católica, cujas temáticas de seus escritos envolviam o desejo ardente da alma por Deus.

<sup>3</sup>Presenta na obra “Noite escura da Alma”, escrita no século XVI, o poema traz como protagonista a figura de uma jovem mulher (representante da alma) que parte na jornada pela busca de seu amado (representante de Deus) nas trevas da noite.

implícitas, o que possibilita diversos pontos de vista e análises a serem feitas da personagem principal.

Dentre tantas possíveis interpretações, a partir de perspectivas teóricas de autoras e autores que discorrem sobre o tema da mulher atuante no (sub)mundo do meretrício, procurou-se analisar a condição da personagem feminina de “Noshe Oscura” durante sua prática noturna como prostituta de um grande centro urbano das décadas iniciais do século.

### **A mulher prostituta em “Noshe Oscura”**

Na ficção de “Noshe Oscura”, Maria Lúcia Medeiros não fornece uma explicação visível sobre o tempo de atuação da protagonista na carreira da comercialização sexual do corpo. Discorrendo sobre o período de atuação da mulher enquanto prostituta, Del Priore (2011) explica que umas ingressam e permanecem de forma breve na profissão, outras dedicam um longo período de suas vidas a essa prática. Para ela, um fato em comum é que ao ingressarem no ofício do meretrício “todas pretendem ficar por pouco tempo na profissão e lamentam o que estão fazendo” (Del Priore, 2011, p. 221).

Desse modo, no conto em questão, pode-se inferir, através dos interstícios da palavra, que a personagem feminina atuava durante muitos anos na prática do amor venal. Isso é indicado quando a voz narrativa revela o momento em que a personagem feminina, ao admirar seu próprio reflexo em um espelho, sentiu a sensação de desconforto devido à condição de meretrício vivida no passado: “Viu-se no espelho examinando os cabelos. Viu-se desamparada também. Viu-se como era e como tinha sido sempre, a ânsia comendo-lhe sempre as melhores fatias sem tempo para degustar prazer nem dor” (Medeiros, 1997, p. 27).

Nos ditos da narrativa ficcional não são explicitados os motivos que condicionaram a personagem feminina ao ingresso no comércio do sexo. No entanto, Rago (1991) explica que, em geral, a condição econômica de extrema pobreza foi um dos fatores determinantes para que a mulher dos decênios iniciais do século passado ingressasse no “território de prazeres ilegítimos”. A essa mulher com um histórico de miséria e que, comumente, buscou no submundo do meretrício uma forma de sobrevivência, conforme explica a autora, recebeu a denominação de “prostituta-vítima”.

No conto analisado, os traços da “prostituta-vítima” podem ser visualizados na breve passagem em que o narrador compara a condição financeira da protagonista com: “Uma folha ao vento, assim, uma vida simplesinha” (Medeiros, 1997, p. 27). Dessa maneira, pode-se deduzir que devido à situação de pobreza e miséria social em que a

personagem feminina estava inserida, o ingresso no subemprego do meretrício se constituiu um meio de ascensão social para ela. Com a prostituição, apesar de não ter acumulado fortunas, conseguiu uma renda para ter uma vida modesta e garantir sua subsistência pessoal.

Em “Noite Obscura”, o trabalho na prostituição apresenta um aspecto contraditório; embora assegure meios de sobrevivência para a mulher, também conduz o corpo feminino à devassidão. O narrador revela que o corpo da personagem principal, devido à sua condição de meretriz, era comumente encarado apenas como um produto sexual a ser consumido. Quanto maior sua consumação, mais ela sentia seu corpo “se liquefazendo em águas estranhas” (Medeiros, 1997, p. 26), tornando-se vazio, solitário, desprovido de prazer e indigno de viver qualquer desejo que lhe oportunizasse a sensação de completude. Tendo a consciência de sua condição vivida, bem como sua função como objeto sexual, após cada relação mediada pelo dinheiro, a protagonista sentia o coração “alternando batidas de ódio e amor, de amor, de ódio” (Medeiros, 1997, p. 26).

A mulher profissional do sexo, evidentemente, não atua sem clientes. No exercício diário de sua profissão, a prostituta, em geral, tem que lidar com três tipologias de clientes: o prático, o amoroso e o faltante. O prático corresponde ao cliente que mantém relações interpessoais e afetivas mínimas com a prostituta, pois, visando o ato sexual em si, ele chega, paga, transa e vai embora. O cliente amoroso é aquele que, regularmente, estabelece interações efetivas e de cumplicidade com a prostituta, o que pode envolver, além da atividade sexual, a amizade, a companhia, a troca de informações e o amor. O cliente falante, que valoriza a escuta em detrimento do gozo sexual, procura e paga o serviço da prostituta para que ela o ouça desabafar sobre a rotina do casamento, a dificuldade de interação com os filhos, o estresse do trabalho, a crise financeira, o problema com o carro, entre outras questões.

No conto de Maria Lúcia Medeiros, o “cliente prático” é a tipologia descrita com intensidade na carreira profissional da personagem feminina em análise. No trecho em destaque a seguir, o narrador assinala o efêmero encontro da prostituta com um “cliente prático” – que também não é nomeado no conto. Apesar de não realizar a descrição explícita do ato sexual entre a meretriz e seu cliente, ele fornece alguns indícios para que o leitor possa compreender como os corpos se relacionam e se apresentam na prostituição:

Enquanto acendia o cigarro sentiu a mão fria e pequena a puxar-lhe o braço. A bolsa guardava um lenço, os cigarros, a chave da porta. Aberta assim,

escancarada, o menino tirou um cigarro e juntos encheram o ar de baforadas quase sem se olhar, corpos apoiados pela solidão. (Medeiros, 1997, p. 26).

No fragmento acima, observa-se traços do momento preliminar de uma relação sexual em que se troca sexo por dinheiro. Na interação entre a personagem feminina e o seu jovem cliente, o que salta aos olhos é nítida infelicidade de dois corpos vazios, sem conteúdo, que evitam estabelecer qualquer tipo de diálogo verbal e/ou visual. A única comunicação existente era a fumaça baforada que se trocava entre um cigarro e outro. Aqui, a presença de um jovem em busca de sexo e do vício do cigarro, permite qualificar a prostituta segundo o que Rago (1991) denomina de “corruptora de menores”, isto é, uma meretriz situada no último degrau da decadência feminina ao introduzir os jovens às sutilezas do amor fugaz e aos vícios da nicotina e embriaguez.

Além disso, enfatiza-se ainda que, apesar de um fazer companhia ao outro, prestes a se unirem “em um só corpo”, uma “só carne”, o sentimento de solidão se apoderava de ambos. Nesta cena sexual em que os corpos interagem sem vida, a narrativa ficcional de Maria Lúcia Medeiros demonstra que na prostituição prevalece uma negociação do corpo em sua materialidade, ou seja, o que se vende nesse comércio do sexo está situado apenas na esfera do carnal, em detrimento das emoções e evocações de prazeres. Com esse olhar, Kollontai (2011, p. 31) esclarece que a prostituição “rouba o que é mais valioso nos seres humanos, a capacidade de sentir apaixonadamente o amor, essa paixão que enriquece a personalidade pela entrega dos sentimentos vividos”.

Após a consumação do ato sexual, aparentemente curta e desprovida de prazer, o narrador insinua que o cliente sumiu rapidamente, reafirmando, assim, o corpo feminino como uma “mercadoria” a ser consumida. Afinal, a voz narrativa enfatiza que, transcorrido algum tempo, a meretriz se encontrava imóvel admirando a calmaria das águas, sozinha, numa ânsia de insatisfação eterna e de infelicidade consigo mesma, a ponto de: “Meia hora depois, olhando o mar, acariciava seus próprios seios intumescidos, olhos cerrados, fundo prazer solitário” (Medeiros, 1997, p. 26).

Gaspar (1985), em seus estudos sobre a prostituição feminina, acentua que o principal fator de sucesso em uma meretriz são seus atrativos físicos. Diz ela:

Um corpo bem modelado, com nádegas proeminentes e seios rígidos, características dos corpos jovens, são mais importantes do que uma cara bonita. A beleza, avaliada por elementos sensuais, e fator de introdução de uma mulher para a prostituição, pois pode garantir-lhe acesso a uma remuneração muitas vezes superior à que teria em início de carreira nas profissões que estão ao seu alcance (Gaspar, 1988, p. 100).



A protagonista do conto de Maria Lúcia Medeiros, embora possuísse os atrativos físicos assinalados por Gaspar (1988), os quais lhe renderiam uma considerável remuneração, parecia não ter consciência do poder de beleza e sedução que tinha sobre seus clientes. Assim sendo, no exercício de sua atividade no meretrício, ao invés de utilizar sua beleza e sedução como meio de ascensão social, agia de forma ingênua ao vender seu corpo apenas por alguns trocados. Isso pode ser observado quando a voz narrativa enfatiza: “Os homens abasteciam-se de seu corpo jovem, de suas contas brancas, de sua estupidez tão à mostra, de seus dias escuros” (Medeiros, 1997, p. 27).

É relevante lembrar que os espaços descritos na ficção de “Noshe Oscura” realizam uma simbiose capaz de desvelar traços do comportamento da personagem feminina. A descrição espacial contém vestígios para compreender a condição da personagem feminina enquanto prostituta. Sobre o local de moradia da protagonista, o narrador assinala que a residência passava à noite com “a janela aberta, a escada, com passadeira de linóleo, a cama baixa em desalinho, o pecado cometido e cheio de sabor, a saliva deixando o corpo cheirando à raiz de planta” (Medeiros, 1997, p. 26-27).

Observa-se a voz narrativa mencionar o hábito noturno de deixar a “janela aberta” como um indicativo de que aquela residência era lugar de mulher de “vida pública”. É importante salientar que, nos decênios iniciais do século passado, ainda prevalecia a ideia de que as mulheres de família deveriam partilhar poucos interesses fora do espaço privado do lar, pois “a família, em especial a mulher, submetia-se à avaliação e opinião dos ‘outros’” (D’Incao, 2002, p. 228). Sendo assim, a janela, enquanto fronteira entre a casa e a rua, ainda era vista como um local perigoso para essas mulheres – especialmente durante à noite –, uma vez que aquele lugar servia de palco para as prostitutas se postarem e, de forma ostensiva, exibirem seus corpos como “mercadorias” para os transeuntes.

Outrossim, a descrição fornecida pelo narrador sobre a “cama baixa”, o “pecado cometido”, e o “cheiro à raiz de planta”, reforçam a ideia de que o espaço privado da casa servia tanto para a moradia quanto para o exercício diário da prática de meretrício e da consumação de seus vícios da nicotina. Nessa mesma direção, Rago (1991, p. 87), lembra que “havia as prostitutas que residiam em casas alugadas ou próprias, onde recebiam seus fregueses e amigos, sem o compromisso de fidelidade que a relação extraconjugal estruturada a partir do modelo burguês poderia exigir”.

Ainda sobre ao espaço da casa, o narrador não fornece descrições explícitas que indiquem a presença de violência ou qualquer perigo latente contra a protagonista naquele local. No entanto, Figueiredo (2002, p. 160) ressalta de que eram comuns os “momentos

de violência ocorrerem nesses ambientes frequentados pelas prostitutas e seus clientes, locais de brigas e mortes. Fregueses ciumentos, inquietos, geravam as bulhas de que se tem notícias”. Na mesma linha de pensamento, Gaspar (1988) assinala que a prostituta em sua atuação noturna pode ser vítima de situações variadas como furto, não-recebimento do pagamento acertado e até agressões físicas.

Outro espaço que indica vestígios da condição da protagonista enquanto prostituta era a rua. A rua aparece como um lugar público em que a personagem feminina, com os “olhos como vigias em largo mar” (Medeiros, 1997, p. 26), circulava diariamente, abordando os transeuntes para oferecer a prática de amor venal. Era na rua onde se desenvolviam as etapas iniciais da comercialização sexual. De acordo com Gaspar (1988, p. 35), a prostituição feminina na rua acontece em quatro etapas: “aproximação, a cargo da mulher; a aceitação, a cargo do homem; a negociação, quando são discutidas as condições do encontro sexual; e finalmente a saída para um hotel, caso o acordo tenha sido bem-sucedido”.

Na rua, espaço masculino por excelência, a prostituta dava início às etapas do comércio do sexo ao caminhar à toa pelas esquinas, praças e demais locais públicos da cidade. A esse respeito, esclarece a voz narrativa: “a cada esquina, a cada olho pedinte arremessaria sua calma esperança e ver e de ver-se, em rodopios, o acontecer, o acontecido, a vida parca mas oferecida a quem se dispusesse a vive-la” (Medeiros, 1997, p. 26).

Contudo, o narrador deixar entrever que a circulação pública da personagem feminina acontecia de forma restrita ao período da noite, em especial durante a “madrugada” (Medeiros, 1997, p. 26). Isso acontecia devido ao poder público, fundamentado numa moral das aparências e na defesa do bom nome da cidade, ter estabelecido regulamentos que visaram pôr fim à exibição das meretrizes pelas ruas, prédio e imediações de estabelecimentos comerciais. Assim sendo, foram definidos “os horários em que as prostitutas pobres poderiam aparecer publicamente e procura-se isolar do mundo exterior o espaço das relações ilícitas” (Rago, 1991, p. 114).

A prostituta do conto em questão, ao oferecer seus serviços nas ruas da cidade em horários predefinidos, lembra muito o que Del Priore (2006), em “História do amor no Brasil”, chama de profissional de baixo meretrício. Este tipo de prostituta, conforme nos explica a autora, circulava por ruas do centro comercial e nos arredores mais afastados, encenando espetáculos eróticos aos olhos dos transeuntes e sem o mínimo de respeito para com as famílias da vizinhança. Rago (1991, p.115), ao fazer alusão à profissional de

baixo meretrício, explica que ela atendia uma quantidade maior de clientes e podia ser “facilmente identificada pela vestimenta e pelos cheiros”.

A protagonista de “Noshe Oscura”, enquanto uma profissional de baixo meretrício, transitava pelas ruas com “as mãos perfumadas, brancas, longas mãos. Vestia-se de negro e deixava ao passar, luz e sombra, sombra e luz” (Medeiros, 1997, p. 27). Em sua atividade sexual noturna, interagiu com um espaço público onusto de prazeres ilegítimos, miséria, sujeira, mau cheiro e, acima de tudo, pela forte repressão do Estado e pela marginalidade que recaía sobre a mulher que praticava a relação de órgãos mediada pelo dinheiro. Figueiredo (2002) analisou o trabalho noturno das meretrizes de Minas Gerais, enfatizando o intento das ações de combate à prostituição e que partiam de autoridades locais e membros da Igreja em vista da manutenção da moralidade pública sexual:

A repressão da prostituição envolveu as forças do Estado e da Igreja no território das Minas. As visitas utilizaram com frequência o poder de prender e multar para obrigar as mulheres a retomarem o caminho reto. O estado tentou restringir seu campo de ação e colocou os poderes policiais das câmaras para reprimir condutas erráticas. Por trás de tanto esforço estava com certeza a repressão à imoralidade e ao pecado (Figueiredo, 2002, p. 165).

Este cenário de intervenção, controle e perseguição realizado contra as prostitutas nas ruas da cidade, transformava o cotidiano de trabalho dessas mulheres em um verdadeiro ato de resistência. Diante de desmedidas ações de violência e repressão urbana advindas do Estado repressor, as meretrizes costumavam travar lutas noturnas diárias para assegurar o seu direito à cidade e a manutenção da prática da atividade sexual paga. E dessas múltiplas formas de opressões, de existências e de resistências das prostitutas nos espaços da cidade em disputa, segundo o conto de Maria Lúcia Medeiros, eram “onde, quem sabe, nasceriam as histórias” (Medeiros, 1997, p. 27).

De fato, casos de lutas e perseguições contra as prostitutas inspiraram diversas histórias, sobretudo na ficção literária. Discutindo a arbitrariedade e violência policial exercida sobre as meretrizes da rua Padre Prudêncio<sup>4</sup> da cidade de Belém-PA nos anos 1910, a escritora paraense Eneida de Moraes, em uma crônica – sem denominação e contida na obra “Aruanda-Banho de Cheiro” – revela a existência de mulheres que dormiam com o dia e acordavam com as noites, “quando as janelas se abriam para a ostentação de carnes, corpos – braços, pernas, seios, olhos fatigados, caras pintadas, de

---

<sup>4</sup> Rua localizada no bairro da Campina, em Belém-PA, que recebeu sua denominação em homenagem ao paraense Prudêncio José Mercês Tavares que, conforme Cruz (2013, p. 66), teve um importante papel regional ao atuar como padre, “deputado provincial, juiz de paz e comandante geral das tropas legalistas em ação contra os cabanos”.

novo ou de véspera, carnes flácidas, macilentas, exaustas” (Moraes, 1997, p. 247). Essas mulheres, explica a escritora, ao propagarem práticas consideradas ofensivas à moral, travavam uma “guerra” com a vizinhança do entorno.

Anos depois, um chefe de polícia, com o intuito de “moralizar” a Padre Prudêncio, realizou uma espécie de “caça às bruxas” para perseguir e expulsar as meretrizes da rua. Expulsas da Padre Prudêncio em que se concentravam, as prostitutas espalharam-se por toda a cidade, misturando-se com as famílias, justamente o avesso do que pretendia a moralização policial. E como forma de resistência, elas decidiram continuar “com a mesma vida em outras ruas, em todas, creio” (Moraes, 1997, p. 248).

A ficção de Maria Lúcia Medeiros, assim como a de Eneida de Moraes, fornece indícios dos embates travados pela prostituta na noite citadina de Belém. Entretanto, o conto “Noshe Oscura” aponta que as formas de resistências noturnas da prostituta pelo direito à cidade cobravam um alto preço: a degradação do corpo feminino. As palavras do narrador não deixam dúvidas sobre o crescente processo de degradação corporal da prostituta: “Haveria de conseguir forças, forças para arrebentar as amarras e nós, fôlego para as subidas, sem faltar o ar, a pele roçando os arbustos, as costas riscadas pelos espinhos” (Medeiros, 1997, p. 26). Seu corpo, debilitado pela agitação e perigos noturnos, traz inscrito as marcas do degradante estado de vida da mulher na condição de prostituta.

Del Priore (2011, p. 87) ensina que a “prostituição ameaçava as mulheres ‘de famílias puras’, trabalhadoras e preocupadas com a saúde dos filhos e do marido”. Em consonância com este pensar, Nery e Alves (2023) explicam que as mulheres de famílias, defensoras da moral religiosa e sexual, costumavam realizar a prática estereotipada de aconselharem suas filhas, sobretudo as jovens que ainda não haviam contraído o matrimônio, sobre o risco de manterem relações interpessoais com prostitutas e, conseqüentemente, sofrerem a pecha de imoral e pecaminosa, de serem consideradas mulheres “de vida pública”.

Em contraste com as afirmações colocadas acima, o conto de Maria Lúcia Medeiros destaca o fato das mulheres de família, embora constituintes do campo moral e religioso, partilhavam a ideia de que o sujeito feminino pobre, levado ao ingresso no degradante (sub)mundo meretrício, necessitava de atenção, cuidado e orientação moral. Assim sendo, o que se observa são atitudes de mulheres que buscavam demonstrar empatia e compaixão, em vez de condenação e menosprezo em relação à prostituta. Sobre a inversão de ações e mentalidade das mulheres de famílias, o narrador assinala: “As

mulheres nem as invejavam. As mulheres ofereciam-lhe ternos olhos de mãe, a mão acariciando a cria, tão frágil era o desejo” (Medeiros, 1997, p. 27).

Através desta passagem narrativa, pode-se dizer que as mulheres de família correspondem ao elemento destoante nesse universo repleto de estereótipo da prostituta. Conforme indica a voz narrativa, as mulheres de família pregavam discursos que associavam a prostituta à imagem de uma criança imatura e desorientada, necessitando receber orientação moral através do “aquecer das palavras” (Medeiros, 1997, p. 27), para se libertar de comportamentos torpes, encontrar o bom caminho e reintegra-se na sociedade. Esta reintegração, em especial, viria por meio do casamento e da preparação para o serviço doméstico e o cuidado com o marido e os filhos. Em outras palavras, ela teria que se adequar ao modelo normativo de “guardiã do lar”, isto é, uma mulher que dedicava seus talentos à esfera privada do lar. Para isso, precisava abandonar a prostituição e “compreender a importância de sua missão de mãe, aceitar seu campo profissional: as tarefas domésticas, encarnado a esposa-dona-de casa-mãe-de-família” (Rago, 1985, p. 75).

Contudo, manter um compromisso formal com o matrimônio, ser submissa à autoridade e ao pátrio poder, bem como permanecer confinada no recinto privado/protegido da casa, era tudo que a protagonista de “Noshe Oscura” não desejava para si. Essa personagem feminina representada pela ficção de Maria Lúcia Medeiros, correspondia a antítese do disciplinado modelo de mulher de família prevalente no início do século XX.

Rebelde e noturna, a protagonista buscou através do comércio de seu próprio corpo conquistar o poder para ser uma mulher livre e independente. No entanto, a almejada conquista do poder não a satisfazia plenamente, tampouco a deixava feliz consigo mesma. O sentimento de solidão crescia a cada vez em que servia de objeto para a satisfação sexual masculina, em cada aventura extraconjugal em troca de dinheiro e desprovida de prazer. Frente à realidade vivida, a personagem em sua “escura noite sem fim” (Medeiros, 1997, p. 27) se entregava aos vícios da nicotina e à busca por algum cliente que satisfizesse seus insaciáveis desejos libidinosos e, quem sabe, afastasse o sentimento de solidão se apoderava de seu corpo.

Assim, a protagonista de Maria Lúcia Medeiros se enquadra em uma tipificação que Xavier (2007), em sua obra “O corpo no imaginário feminino”, intitula de “corpo degradado”. A personagem feminina de “corpo degradado” é aquela que apresenta uma trajetória de deterioração corporal, pois condiciona seu corpo a vivência de uma

sexualidade compulsiva, mecânica, sem quaisquer traços de desejo e movida, quase sempre, pelo álcool e drogas. Segundo a autora, essa tipologia de personagem está fadada ao fracasso, à solidão e à eterna insatisfação.

Nas últimas linhas do conto, é dito que a protagonista, representação inflamada do “corpo degradado”, depois de vários programas decidiu apenas esperar a chegada do próximo cliente e, quem sabe, daquele que finalmente iria demolir o “muro alto, inatingível” (Medeiros, 1997, p. 27) criado pela solidão e desprazer que consumia seu corpo. Nesse momento, totalmente insatisfeita, ela faz uso do devaneio como forma de evasão da realidade degradante. Registrando o pensamento da personagem, confessa o narrador:

Ali, olhos abertos para o mar avistou pequeno barco com luz avermelhada. Lá haveria de morar um marinheiro a embalar no dorso nu corações e flechas, o sal da solidão. Lá no alcance dos olhos o barco a impulsionar seu corpo, e o marinheiro. Um segundo só para alcançá-lo, despir seu corpo e a eternidade toda para aninhar-se nele e – inescrutável – atravessar aquela noite (Medeiros, 1997, p. 27).

Na doce ilusão, a prostituta viu no marinheiro uma espécie de elemento emancipatório de sua condição vivida; seria pela companhia dele que ela se redimiria da degradação, do vazio e da solidão que acometia seu corpo. No entanto, a ficção de “Noshe Oscura” termina com a voz narrativa anunciando que a protagonista precisou interromper seu instante de devaneio devido ao súbito aparecimento de um cliente embriagado que exigia o seu amor venal. Diz o narrador: “As pernas brancas num bailado sobre o mar, um bêbado viu” (Medeiros, 1997, p. 27). Com o desfecho da narrativa demonstrando o insucesso da personagem feminino em alcançar seu objeto de desejo e paixão, Maria Lúcia Medeiros assinala, de forma implícita, o alto preço que a mulher em condição de meretrício deve pagar.

### **Considerações finais**

Rago (1991, p. 167) chama atenção ao fato de que “o mundo da prostituição foi marcado por toda uma auréola de mistérios, fascínio e atração”. Considerando essa singular auréola envolvendo a prostituição, o foco deste estudo visou lançar luz sobre alguns aspectos deste (sub)mundo e, em particular, sobre a condição da mulher em sua atividade de meretrício no início do século XX.

Assim sendo, adentrei na ficção de “Noshe Oscura, perseguindo palavra por palavra, traço a traço, para desvelar os segredos da prostituição. A partir da análise da

personagem feminina do conto, foi possível desvelar indícios que apontam a miséria econômica como uma das causas geradoras do ingresso no meretrício. Proveniente de um meio social inferior e sem muitas opções de emprego, a mulher recorria à comercialização do próprio corpo para adquirir remuneração e subsistência. O tempo de atuação nesta carreira têm duração variável, algumas delas ficam por curtos períodos, enquanto outras por anos – como a protagonista estudada.

A casa e a rua compõem a geografia urbana retratada no conto de Maria Lúcia Medeiros. Esses territórios públicos e privados, descritos sempre de forma noturna, constituíam a zona do meretrício em que a personagem feminina, que sequer tem nome, comercializava seu corpo ao se entregar aos vícios e às diversas relações que contrariavam a exclusividade sexual imposta pela égide social e moral da época.

Curiosamente, as ruas da cidade são indicadas como espaços ambíguos em que condenavam e aceitavam ao mesmo tempo. De um lado, aparecem como palcos de intolerâncias, violências, lutas e resistências diárias enfrentadas pela mulher que recorria à comercialização do próprio corpo. De outro lado, revelaram-se como lugares em que surgem atos de empatia, de compaixão e, inclusive, de pensamentos contrários ao estigma dos perigos advindos do contato com meretrizes.

As relações sexuais da personagem feminina com seus clientes ocorriam de forma mecânica, efêmera e sempre desprovida de prazer. Conforme avança à noite escura e as práticas sexuais por dinheiro se intensificavam, Maria Lúcia Medeiros mostra como o corpo da prostituta vai degradando, tornando-se cada vez mais vazio, solitário e incapaz de se apaixonar. Assim sendo, a ficção da autora fornece vestígios para compreender como a mulher prostituta, nos decênios iniciais do século passado, materializa em seu corpo a degradação advinda do (sub)mundo do meretrício. Além dela, Maria Lúcia Medeiros também criou outras personagens noturnas que viveram situações dramáticas na condição de mulheres “desviantes”, mas este é um debate para outro texto.

## **Referências**

BRAIT, Beth. **A personagem**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

CELINA, Lindanor. **Menina que vem de Itaiara**. 3. ed. Belém: Cejup, 1996.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém: significado Histórico de suas denominações**. 2. ed. Belém: Cejup, 2013.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 223-240.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 141- 188.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e Identidade Social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. 2 ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

MEDEIROS, Maria Lúcia. Noshe Oscura. In: MEDEIROS, Maria Lúcia. **Velas. Por quem?** Ed. Especial. Belém: Cejup/Secult, 1997. p. 11-13.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Céu caótico**. Belém: Secult, 2005.

MORAES, Eneida de. **Aruanda – Banho de Cheiro**. Ed. Especial. Belém: Cejup/Secult, 1997. p. 246-248.

NERY, Guthemberg Felipe Martins; ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Discursos da Mulher Prostituta em Menina que Vem de Itaiara. **Gênero na Amazônia**, Belém, v.1, n. 23, p. 157-168, jan./jun.,2023. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpa.br/>> Acesso em: 10 jan. 2024.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1985**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Luzia Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos Tempos, 1998.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

## **SOBRE O AUTOR**

### **Guthemberg Felipe Martins Nery**

Doutor em Educação (UFPA). Mestre em Educação (UEPA). Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia (UEPA). Participa como membro e pesquisador no Grupo de Estudos



e Pesquisas da Educação e Infância na Amazônia (GEPHEIA) e do Núcleo de Pesquisa Cultura e Memória Amazônicas (CUMA). Em seu currículo Lattes o termo mais frequente na contextualização da produção científica é a História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: discursos orais e literários da Educação, da Infância e da Mulher paraense do século XX (1910-1960). É membro e pesquisador da Associação de Pós-graduação em Educação (ANPED) e da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Tem experiência docente na Educação Básica, como professor de Ensino Fundamental I, na rede privada de Educação. Tem experiência docente no Ensino Superior, como estagiário na disciplina "Infância, Cultura e Educação", do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará.

**E-mail:** [guthembergmartins@gmail.com](mailto:guthembergmartins@gmail.com)

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-2697-3180>

Recebido: 30/06/2024

Aprovado: 22/08/2024